

Thomas Mann

Os Buddenbrook

Decadência de uma família

Tradução

Herbert Caro

Posfácio

Helmut Galle

PRÊMIO  NOBEL
COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1922 by S. Fischer Verlag Berlin
Copyright do posfácio © 2016 by Helmut Galle

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor
no Brasil em 2009.*

Título original

Buddenbrooks: Verfall einer Familie

O texto desta edição foi estabelecido a partir da
edição *Große kommentierte Frankfurter Ausgabe*,
publicada pela S. Fischer Verlag em 2002 (vol. 1.1)

Capa e projeto gráfico

RAUL LOUREIRO

Crédito da foto

Retrato do autor, c. 1900.

Hulton / Getty Images

Preparação

ANA CECÍLIA AGUA DE MELO

Revisão

HUENDEL VIANA

THAÍS TOTINO RICHTER

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mann, Thomas, 1875-1955.

Os Buddenbrook: decadência de um família /

Thomas Mann; posfácio Helmut Galle; tradução Herbert
Caro. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Título original: Buddenbrooks: Verfall einer Familie.

ISBN 978-85-359-2691-0

1. Ficção alemã 2. Mann, Thomas, 1875-1955.

Os Buddenbrook. 1. Galle, Helmut. II. Título.

16-00326

CDD-833

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura alemã 833

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

Os Buddenbrook 9

PRIMEIRA PARTE	9
SEGUNDA PARTE	51
TERCEIRA PARTE	91
QUARTA PARTE	167
QUINTA PARTE	235
SEXTA PARTE	285
SÉTIMA PARTE	363
OITAVA PARTE	405
NONA PARTE	503
DÉCIMA PARTE	551
DÉCIMA PRIMEIRA PARTE	625

Posfácio —

Os Buddenbrook — *Popular e subestimado*,
Helmut Galle 681

Cronologia 705

Sugestões de leitura 708

PRIMEIRA PARTE

— Que significa isto? Que significa isto?...

— Pois é, que diabos, que significa isto? *C'est la question, ma très chère Demoiselle!*

A consulesa Buddenbrook lançou um olhar ao marido e veio acudir à filhinha. Estava sentada, ao lado da sogra, num sofá estilo Empire, pintado de branco, com cabeças de leão douradas e almofadas de tecido amarelo. Perto, numa poltrona, estava o cônsul, junto da janela o avô, com a criança nos joelhos.

— Tony! — disse a consulesa. — Acredito que Deus...

A pequena Antonie tinha oito anos. Franzina, no seu vestidinho de levíssima seda furta-cor, afastava um pouco a bonita cabecinha loira do rosto do avô, e tentava, com esforço, recordar-se do trecho, enquanto os olhos azulados fitavam o salão, sem nada perceberem. Repetiu mais uma vez:

— Que significa isto? — e, continuando devagar: — Acredito que Deus... — acrescentou rapidamente, enquanto a sua fisionomia se desanuviava — ... me criou como a todas as demais criaturas...

E, de repente, encontrou-se numa pista lisa, recitando, radiante e abandonadamente, todo o parágrafo do catecismo, palavra por palavra, na forma revista publicada recentemente, em 1835, sob os auspícios do venerando e sapientíssimo Senado da cidade. Quando se começa a carreira, pensou ela, a gente se sente como num trenó, deslizando com os irmãos, no inverno, pelo declive do morro de Jerusalém; fica-se estonteada e não se pode parar, nem mesmo querendo.

— ... assim como roupas e calçados — declamou —, comidas e bebidas, casa e granja, esposa e filhos, terras e gado...

Ao ouvir isso, porém, o velho Johann Buddenbrook não pôde mais. Riu às gargalhadas, na sua risada aguda e abafada que havia muito preparara clandestinamente. Riu-se pelo prazer de ter achado uma ocasião de troçar do catecismo, e talvez fosse somente com essa intenção que arranjaria o pequeno exame. Interrogou Tony acerca das suas terras e do seu gado, averiguou por quanto ela venderia o saco de trigo, e ofereceu-se para negociar com ela. O seu rosto redondo, corado e bonachão, emoldurado por cabelos empoados, de um branco impecável, era completamente incapaz de tomar ares de malícia. Uma espécie de rabicho minúsculo caía-lhe sobre a gola larga do paletó cor de rato. Com os seus setenta anos, o velho Buddenbrook ainda se conservava fiel à moda da sua mocidade, renunciando somente aos grandes bolsos e aos alamares. Nunca usara calças compridas. A sua larga papada descansava sobre o peitilho de rendas brancas, numa expressão satisfeita.

Todos acompanharam a sua risada, mais do que tudo pela reverência que se devia ao chefe supremo da família. A sra. Antoinette Buddenbrook — em solteira, Duchamps — tinha o mesmo riso cascadeante do marido. Era uma senhora corpulenta, com grossos cachos brancos que lhe pendiam sobre as orelhas. Usava vestido preto, listrado de cinza-claro, sem enfeites, um vestido que punha em evidência a sua simplicidade e modéstia. As mãos alvas, ainda belas, repousavam sobre o colo, segurando uma bolsinha de veludo. De um modo estranho, no decorrer dos anos, suas feições tinham se tornado parecidas com as do marido. Apenas o feitio e a mobilidade dos olhos escuros indicavam a linhagem semilatina: descendia, pelo avô, de uma família franco-suíça, e nascera em Hamburgo.

Sua nora, a consulesa Elisabeth Kröger Buddenbrook, ria à maneira dos Kröger, num riso que começava com uma espécie de espirro através dos lábios, premendo o queixo contra o peito. Como todos os Kröger, era sumamente elegante, e, apesar de não ser precisamente bela, com a voz serena e discreta e os gestos calmos, seguros e brandos, inspirava a todos um sentimento de confiança e clareza. O cabelo ruivo, penteado em forma de pequena coroa ao alto da cabeça, cobria as orelhas com largos cachos artisticamente arranjados. Correspondia à cor do cabelo uma tez extraordinariamente branca e delicada com pequenas sardas esporádicas. A boca era estreita e o nariz um tanto comprido. Característico do rosto era o fato de não haver nenhuma concavidade entre o queixo e o lábio inferior. A consulesa Elisabeth vestia uma blusa curta, de mangas fofas, e a saia, bem justa, era de seda vaporosa com desenhos

de flores. Exibia um pescoço de perfeita beleza, adornado por uma fita de cetim na qual luzia um adereço de grandes brilhantes.

O cônsul, na sua poltrona, inclinou-se para a frente num gesto algo nervoso. Trajava casaco cor de canela, de golas largas e mangas clavi-formes que se estreitavam no pulso. As calças apertadas eram de fazenda branca lavável, guarnecidas de listras pretas. O queixo aninhava-se num alto colarinho engomado, cingido por uma gravata de seda, cuja largura tomava toda a abertura do colete variegado. Herdara do pai os olhos encovados, azuis e atentos, se bem que a sua expressão fosse algo sonhadora. As feições, porém, eram mais sérias e mais agudas; o nariz vigoroso e curvo tinha forte saliência, e as faces, cobertas até a metade pela barba loira e crespa, eram muito menos carnudas que as do velho.

A sra. Buddenbrook dirigiu-se à nora, apertando-lhe o braço. Baixou os olhos para o colo e disse com um riso, baixinho:

— Oh, *mon vieux*, ele é sempre o mesmo... não é, Bethsy? — (Pronunciava “sempre” como “sâmpre”).

A consulesa, sem responder, esboçou um gesto com o dedo, de sorte que o bracelete de ouro tiniu levemente. Em seguida, num dos seus modos peculiares, correu a mão delgada desde o canto da boca até o penteado, como que para pôr para trás uma mecha de cabelos que se tivesse desviado.

Mas o cônsul, tendo na voz uma mistura de sorriso cortês e de suave censura, disse:

— Ora, papai, o senhor volta a ironizar as coisas sagradas!...

A família achava-se na sala das Paisagens, no primeiro andar da antiga e espaçosa casa na Mengstrasse. A firma Johann Buddenbrook comprara-a havia algum tempo, e os Buddenbrook só recentemente a habitavam. As tapeçarias espessas e elásticas, um pouco afastadas da parede, mostravam extensas paisagens, nas mesmas cores delicadas do fino tapete que cobria o chão. Havia cenas idílicas ao gosto do século XVIII, com vinhateiros alegres, camponeses laboriosos e pastoras graciosamente enfeitadas de fitas coloridas, sentadas à beira de um lago reluzente, segurando no colo cordeirinhos limpos ou abraçando pastores carinhosos... Pairava sobre a maior parte desses quadros um pôr do sol amarelado que se harmonizava com o estofado dourado dos móveis brancos e com as cortinas de seda também amarela das duas janelas.

Em relação ao tamanho da peça, o mobiliário não era excessivo. A mesa redonda de pernas finas, retas e levemente douradas encostava-se à parede oposta ao sofá, na frente de um pequeno harmônio sobre cuja

tampa havia um estojo de flauta. Além das poltronas sóbrias, distribuídas ao longo das paredes a espaços regulares, via-se apenas, perto da janela, a mesinha de costura e, em frente ao sofá, uma frágil escrivaninha de luxo, coberta de bibelôs.

Através duma porta envidraçada, fronteira às janelas, enxergava-se vagamente um alpendre, ao passo que à esquerda da entrada havia uma porta de dois batentes, alta e branca, que dava para a sala de jantar. Noutra parede, num nicho semicircular e atrás duma grade de ferro batido, artisticamente trabalhada, crepitava a lareira.

O frio tinha chegado cedo. Lá fora, do outro lado da rua, a folhagem das pequenas tílias, plantadas em redor do cemitério de Santa Maria, já agora, em meados de outubro, se tingia de amarelo. O vento assobiava nos cantos e nas saliências da alterosa igreja gótica. Caía uma garoa fina e fria. Em atenção à sra. Buddenbrook, a velha, já tinham sido colocadas as janelas duplas.

Era quinta-feira, dia em que regularmente, de duas em duas semanas, a família se reunia. Hoje, porém, além dos parentes que residiam na cidade, alguns amigos íntimos da casa tinham recebido convites “para um jantar simples”. E agora, pelas quatro da tarde, no fim do dia, os Buddenbrook estavam à espera dos convidados...

A pequena Antonie não se incomodara com o avô, na sua viagem de trenó; apenas se amuou um pouquinho, fazendo um muxoxo, de modo que o lábio superior, um tanto saliente, se adiantou ainda mais sobre o inferior. A menina chegara à base do seu morro de Jerusalém, mas, incapaz de parar bruscamente a corrida rápida, ultrapassou a meta...

— Amém! — gritou. — Eu sei uma coisa, vovô!

— *Tiens!* Ela sabe uma coisa — disse o velho, fingindo-se louco de curiosidade. — Ouviu, mamãe? Ela sabe alguma coisa! Será que ninguém me quer dizer...

— Quando há um raio *quente* — continuou Tony, acompanhando cada palavra com um aceno de cabeça — é o relâmpago que está caindo. Mas quando há um raio *frio* é o trovão que cai!

Depois disso cruzou os braços, olhando as fisionomias risonhas como quem está certo da vitória. Mas o sr. Buddenbrook não gostou dessa sabedoria. Insistiu em saber quem ensinara semelhante asneira à menina. Soube que fora Ida Jungmann, a nova governanta das crianças, natural de Marienwerder. O cônsul achou que deveria tomar partido de Ida.

— O senhor é severo demais, papai. Por que não teria a criança as suas pequenas ideias sobre estes assuntos, na sua idade...

— *Excusez, mon cher!... Mais c'est une folie!* Você bem sabe o quanto tal obscurecimento do cérebro infantil me é odioso! Mas como? É o trovão que cai? Que raios a partam. Deixem-me em paz com a sua prussiana...

Era verdade que o velho tinha opinião pouco favorável sobre Ida Jungmann. Dele não se podia dizer que era um espírito estreito. Conhecia um bom pedaço do mundo. Fizera, no ano de 1813, uma viagem ao sul da Alemanha, numa carruagem de duas parelhas, para comprar trigo que se destinava ao aprovisionamento do Exército prussiano. Estivera em Amsterdam e Paris. Como homem esclarecido, não chegava a condenar tudo quanto se situava além dos portões da cidade paterna com as suas cumeeiras medievais. Mas, fora das relações profissionais, o velho Buddenbrook, mais do que seu filho, o cônsul, tinha a tendência para traçar limites rigorosos, acolhendo sempre com desagrado os forasteiros na sua vida social. Certo dia, os filhos, numa viagem à Prússia Ocidental, encontraram aquela moça, uma órfã, filha de um dono de hotel falecido momentos antes da chegada dos Buddenbrook à cidade de Marienwerder. Levaram-na para casa como uma espécie de enjeitada. Ida tinha agora vinte anos. Mas naquela ocasião, o cônsul, como recompensa de sua ação piedosa, tivera de sustentar com o pai uma discussão em que o velho falou unicamente francês e baixo-alemão... Ida Jungmann, todavia, mostrava-se bastante útil na casa e no cuidado com as crianças. Pela sua lealdade e pelas ideias prussianas que tinha acerca das classes sociais, estava, no fundo, talhada para a sua posição naquela casa. Ida era uma criatura de princípios aristocráticos que fazia uma fina diferença entre os círculos da altíssima e da alta sociedade, e também entre a classe média e a classe média inferior. Orgulhava-se de pertencer aos círculos mais distintos como servidora dedicada, e desaprovava estritamente quando, por exemplo, Tony travava amizade com uma menina que, segundo a opinião de Ida Jungmann, apenas podia ser incluída na classe média superior...

Nesse momento a prussiana apareceu no alpendre, entrando pela porta envidraçada: uma jovem alta, ossuda, em vestido preto, de cabelo liso e rosto honesto. Conduzia pela mão a pequena Klothilde, criança extraordinariamente magra que usava um vestidinho de algodão floreado. Klothilde tinha o cabelo loiro-cinzentos, sem brilho, e aparentava uma expressão de solteirona taciturna. Descendia duma linha lateral da família, totalmente empobrecida; era filha de um sobrinho do velho Buddenbrook, que trabalhava perto de Rostock como administrador

duma fazenda. Como a criança tinha a mesma idade de Antonie, e era uma criatura dócil, os Buddenbrook educavam-na consigo.

— Está tudo pronto — disse Ida, carregando um “r” gutural, letra que antigamente não soubera pronunciar de maneira alguma. — Klothil- de ajudou muito na cozinha, para Trina quase que não sobrou trabalho.

O sr. Buddenbrook, para disfarçar, examinou o seu peitilho com um sorriso irônico motivado pela pronúncia estranha de Ida, ao passo que o cônsul acariciava a face da pequena sobrinha.

— Está muito bem assim, Thilda — disse ele. — Trabalha e espera, reza o provérbio. A nossa Tony é que deveria seguir este exemplo. Tem uma tendência demasiado forte para a ociosidade e a desordem...

Tony baixou a cabeça e olhou de soslaio para o avô. Sabia que este ia defendê-la, como sempre.

— Não, senhor — disse ele —, levante a cabeça, Tony! *Courage!* Nem tudo é para todos. Cada um à sua maneira. Thilda é boazinha, mas nós também temos nossos méritos. Falo *raisonnable*, não é, Bethsy?

Dirigia-se à nora, que costumava apoiar-lhe as opiniões, enquanto a sra. Antoinette, na maioria das vezes, tomava o partido do cônsul, mais por prudência do que por convicção. Dessa forma, as gerações, por assim dizer, num *chassez-croisez* de quadrilha, estenderam-se as mãos.

— O senhor é muito bondoso, papai — disse a consulesa. — Tony vai esforçar-se para ser uma moça inteligente e aplicada... Os meninos já voltaram do colégio? — ela perguntou a Ida.

Mas, ao mesmo tempo, Tony — que do joelho do avô podia ver o espelho colocado ao lado da janela, e que servia para “espiar a rua” — gritou:

— O Tom e o Christian vêm subindo o Johannisstrasse... e também o sr. Hoffstede e o tio doutor...

O carrilhão da igreja de Santa Maria iniciou um hino — pang, ping, ping... pung — quase sem ritmo, de modo que mal se podia identificar a melodia, mas ainda assim com grande solenidade. Em seguida, o pequeno e o grande sino anunciaram alegre e dignamente que eram quatro horas. Nesse momento, o tinido da campainha de entrada ressoou forte lá embaixo, através do amplo vestíbulo. Chegaram de fato Tom e Christian, juntamente com os primeiros convidados, o poeta Jean Jacques Hoffstede e o dr. Grabow, médico da casa.